

Albinos denunciam discriminação

Notícias, Cidade de Nampula; 19.06.2018
Pág 07. ed 30.390

LUIS NORBERTO

PORTADORES de albinismo na cidade de Nampula apelam ao Governo e a outros segmentos da sociedade para que lhes sejam concedidas oportunidades de emprego e formação académica, direitos que não raras vezes lhes são negados nalgumas instituições, quer públicas como privadas.

Este grito foi feito durante o Dia Internacional da Consciencialização do Albinismo que recentemente se assinalou. Na ocasião, Francisco de Almeida, um jovem com pigmentação da pele, referiu que apesar de algumas pessoas respeitarem os portadores destas características, existem outras que mostram uma certa resistência em reconhecê-los como indivíduos normais e iguais a quaisquer outros.

“O assunto toma proporções alarmantes quando nós, os albinos, vamos concorrer aos diversos postos de emprego, onde o protagonista destas atitudes é o patronato que não nos vê com bons olhos em razão da cor da nossa pele”, denunciou Francisco Almeida. Justifica que por estas e outras situações discriminatórias, alguns indivíduos com a pigmentação da pele se auto-excluem da sociedade.

Por seu turno, Alima Mussa indicou que por todos estes e outros motivos, dificilmente se pode encontrar nas escolas professores com estas características a praticar a actividade de leccionação.

Num encontro organizado pela Universidade Lúrio, com vista a debater as diversas formas de discriminação dos albinos, durante as comemorações do dia em referência, o docente Edgar Cubaliua disse ter chegado o momento de as pessoas mudarem de comportamento perante indivíduos portadores de albinismo.

“Infelizmente existem na nossa sociedade muitos preconceitos fundamentados, principalmente, em crenças populares, de que, por exemplo, matando um albino uma pessoa enriquece ou ainda que é uma pessoa que não morre, apenas desaparece sem rastros até nos familiares”, ironizou aquele docente.

Foi mais longe e afirmou que os albinos são pessoas que dizem que não se pode dar a mão, porque da mão só se dá, e um conjunto de construções negativas em torno da pessoa albina.

“O albino não é o problema em si, mas sim aquilo que construímos em torno da sua pessoa, por isso a necessidade de consciencializar as pessoas, a ver neste indivíduo igual aos outros. Eles têm apenas a sua singularidade que deve ser respeitada”, anotou Edgar Cubaliua que entretanto apontou a protecção familiar como sendo essencial.

A vice-reitora Académica da UniLúrio, Sónia Maciel, defende que a sociedade tem um papel importante em se eximir da discriminação do albino, mas também este deve fazer actos que não o discriminem, lutando sobretudo pelos seus direitos.

“A UniLúrio como uma academia com uma Faculdade de Ciências de Saúde, tem um papel fundamental na sensibilização das comunidades com quem trabalha no programa “um aluno, uma família. Isso aplica-se não somente aos portadores do albinismo como também aos portadores de todo tipo de deficiência física”, concluiu Sónia Maciel.